

O manejo clínico da confluência de línguas: uma resposta à questão do trauma entre Ferenczi e Balint

*The clinical management of the confluence of languages:
an answer to the issue of trauma between Ferenczi and Balint*

Marcos de Moura Oliveira*

Resumo

O presente trabalho apresenta um conjunto técnico possível para o acesso à confluência de línguas a partir de um percurso entre Ferenczi e Balint, partindo da confusão de língua, percorrendo a neocatarse e fazendo a amarração com o *thrill*. No manejo proposto o analista se coloca como local de neocatarse, um suporte substancial ao sujeito acometido pelo trauma, enquanto, simultaneamente, promove o enfrentamento do resíduo mnêmico do trauma, ou seja, promove ao sujeito a esperança e provoca o reposicionamento frente ao medo, gerando uma nova posição. Diante do exposto, a construção propõe um dispositivo clínico que seja capaz de unir o local de acolhimento e o convite ao ato de coragem como uma combinação suficiente à confluência de línguas.

Palavras-chave: Neocatarse. *Thrill*. Trauma. Confusão de língua. Psicanálise.

Abstract

The present work presents a possible technical set for the access to the confluence of languages from a route between Ferenczi and Balint, starting from the confusion of language, crossing the neocatharsis and making the mooring with the thrill. In the proposed management, the analyst places himself as a place of neocatharsis, substantial support for the subject affected by the trauma, while simultaneously promoting the coping of the mnemonic residue of the trauma, that is, it promotes the subject to hope and causes the repositioning in the face of fear, generating a new position. Given the above, the construction proposes a clinical device that is able to unite the place of reception and the invitation to the act of courage as a sufficient combination to the confluence of languages.

Keywords: Neocatharsis. *Thrill*. Trauma. Confusion of languages. Psychoanalysis.

* Mestrando em Psicologia pela Universidade Ibirapuera (UNIB). Especialista em Psicanálise, Teoria e Técnica pelo Departamento de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). Psicólogo pela Universidade Paulista (UNIP). Supervisor de estágio em Psicologia no Centro Educacional Anhanguera. São José dos Campos, SP, Brasil. marcos.psicologo91@yahoo.com

A clínica psicanalítica está em constante adaptação frente aos novos tempos. Uma vez que o sujeito só se constitui como tal a partir do contato com o não-eu, a referência ao meio se faz situação virtualmente inesgotável no desenvolvimento de qualquer relação transferencial. Oliveira e Souza (2020) buscaram construir o conceito teórico da “confluência de línguas”, determinante no trabalho analítico através dos moldes da metapsicologia da confusão de língua, proposta inicialmente por Sándor Ferenczi (1873-1933). Em continuidade à proposta teórica, buscar-se-á no presente trabalho o desenvolvimento técnico capaz de tocar a confluência de línguas em meio aos desafios transferenciais e às relações triangulares, afetadas pelo meio.

Embora a teoria de Ferenczi seja marcada por seu último e polêmico trabalho, a *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933/2011), a biografia de seus últimos cinco anos de vida e produção dá pistas, não apenas sobre o resultado teórico publicado em 1933, mas também da investigação clínica que o possibilitou. Após o abandono da “técnica ativa” (FERENCZI, 1926/2011), o autor inicia um ciclo de trabalhos clínicos marcados pelo que Kuppermann (2019) chamou de “estilo empático”, um movimento que foi da exigência e frustração do paciente ao acolhimento e doação, incomuns aos analistas da primeira geração. Já nas primeiras páginas do conhecido volume 4 das *Obras Completas*, Sabourin (2011) e Balint (2011) sublinham como esse conjunto de textos marcam um período teórico e biográfico especiais na vida de Ferenczi, marcado pela busca da nova *práxis* psicanalítica. No primeiro texto do volume¹ é possível perceber, logo no título a intenção do autor em salientar o quanto o meio é decisivo não apenas na construção do sujeito, mas também na atuação das intervenções analíticas. Esse olhar sensível fez com que as obras subsequentes fossem marcadas por descrições de resultados de investigações clínicas.

A clínica da confusão de línguas

Conforme exposto em artigo anterior (OLIVEIRA; SOUZA, 2020) a teoria ferencziana da confusão de línguas estabelece o exercício da língua da ternura e da língua da paixão como formas de organização pulsional características à criança e ao adulto subsequentemente, conceituando a primeira como “autoplástica” e a segunda como “aloplástica” (FERENCZI, 1933/2011).

¹ *A adaptação da família à criança* (FERENCZI, 1928a/2011).

Por tratar-se de “línguas”, ou seja, formas de expressão, não há consenso sobre a questão das transformações plásticas. A exemplo do trabalho do analista que deve adequar-se ao paciente, é possível pensar no uso de uma língua da ternura que exerça uma função aloplástica, ou seja, falar a língua do paciente, caso este esteja em exercício da língua da ternura, e ainda assim provocar uma transformação. Entretanto, seguimos a linha originalmente proposta por Ferenczi no ensaio citado no parágrafo anterior, de que cada uma das línguas se designa por uma função de transformação plástica específica: paixão-aloplastia, ternura-autoplastia.

Para conciliar o raciocínio com a questão inegável de que certas falas dotadas de tato e cuidado podem provocar transformações plásticas, assumimos uma língua da paixão desmistificada, que não trata apenas de investimento pulsional desorientado à realidade externa, mas que também pode ser via para um movimento cirúrgico e sensível, bem como nem toda expressão da língua da ternura deve ser vista como branda.

Observando o momento de interação entre ambas as línguas dos sujeitos do encontro pulsional, percebe-se que o investimento está presente em qualquer relação humana. Se essa pulsão aloplástica for adequada ao limite de suporte autoplástico do outro, ou seja, se a pulsão investida não exceder a capacidade de organização pulsional do sujeito investido, resulta-se em um encontro bem-sucedido. Caso ocorra o oposto e a capacidade de organização pulsional do sujeito não seja suficiente para lidar com a pulsão resultante desse investimento, acontece a confusão de línguas.

Através da noção de confusão de línguas Ferenczi observa o trauma como coração de sua clínica psicanalítica, uma vez que “(...) a primeira reação a um choque é sempre uma psicose passageira” (FERENCZI, 1930/2011, p. 74), sendo o choque, literalmente, o choque entre as duas línguas, fazendo com que “(...) a vítima, que vê suas defesas quebradas, abandona-se, por assim dizer, ao seu destino inelutável e se retira para fora de si, para observar o acontecimento traumático a grande distância” (DUPONT, 2008, p. 22).

Sobre a traumatogênese Ferenczi (1931/2011, p. 90) estabelece:

Isso nos permite entrever o que constitui o mecanismo da traumatogênese: em primeiro lugar, a paralisia completa de toda a espontaneidade, logo de todo o trabalho de pensamento, inclusive estados semelhantes aos estados de choque, ou mesmo de coma, no domínio físico, e, depois, a instauração de uma situação nova – deslocada – de equilíbrio: Se conseguimos estabelecer o contato, mesmo nesses estágios, ficamos sabendo que a criança, que se sente abandonada, perde por assim dizer todo o

prazer de viver ou, como se deveria dizer com Freud, volta a agressão contra sua própria pessoa.

O trauma então é resultado da interação pulsional à qual a contraposição entre o investimento da língua da paixão exercido pelo outro agressor (seja ele de fato uma pessoa, ou mesmo uma situação ameaçadora) e a habilidade de adequação da língua da ternura do sujeito, extrapolando para um *looping* temporal, o trauma que se apresenta como repetição traumática, na qual o sujeito revive o pavor através de experiências posteriores ao ocorrido. Através da repetição traumática, não apenas o sujeito é marcado, mas também se revive essa experiência de forma atualizada, buscando uma solução ao conflito psíquico. Em outras palavras, após o primeiro evento do traumatismo, a reação é a busca por uma simbolização possível do excesso pulsional² por via da relação com o outro.

(...) sob a influência da situação psicanalítica, todos os pacientes, sem exceção, regridem até certo ponto; isto é, tornam-se infantis e sentem intensas emoções primitivas em relação ao analista; tudo isso, evidentemente, sempre faz parte do que é, em geral, chamado de transferência (BALINT, 1968/2014, p. 95).

Assim se estabelece que a transferência é crucial para a escolha do objeto ao qual o sujeito conduzirá o excesso pulsional, como demonstra Ferenczi (1933/2011) com o apontamento de que a escolha mais comum é pelos pais ou adultos próximos no caso da criança traumatizada. Deste modo o sujeito buscará o testemunho da experiência traumática como modo de organização pulsional, e, para tanto, recorrerá ao acolhimento em transferência, possibilitando, de acordo com Ferenczi (1931/2011, p. 91) a seguinte solução:

O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico.

² Apresento a ideia de “excesso pulsional” como termo referente à resultante pulsional da confusão de línguas. Se um sujeito agressor, através da língua da paixão, exerce sua pulsão aloplástica, pulsão que age sobre algo na realidade externa deste agressor, o sujeito do trauma, como alvo desta pulsão, é invadido por um *quantum* de pulsão que pode exceder a sua capacidade de lidar com ela.

E postumamente³se complementa:

Contra uma impressão que não é percebida não há defesa disponível. Essa paralisia total tem por consequência: 1º) que o curso da paralisia sensorial será, e ficará, duradouramente interrompido; 2º) que durante a mesma aceitar-se-á sem resistência toda impressão mecânica e psíquica; 3º) que nenhum traço mnêmico subsistirá dessas impressões, mesmo no inconsciente, de sorte que as origens da comoção são inacessíveis pela memória (FERENCZI, 1934/2011, p. 129-130).

O trauma então é instaurado através da *Verleugnung* atuada, seja pela via de (re)agressão – ameaça ou espancamento em tentativa de cessar a narrativa sobre o trauma –, seja pela via do abandono – silêncio ou recusa em reconhecer o sofrimento narrado –, por este outro, escolhido como endereço através da transferência. Por resultado das interações ocorridas nos três estágios citados, ocorre, segundo Ferenczi, o trauma como confusão de línguas. Nesse evento “(...) há um tempo intermediário entre o traumatismo e a instauração da trauma patogênico, um tempo que pode mudar o caminho da formação do trauma, que esbarra na *Verleugnung*, nesse desmentido onde o outro falha com a escuta” (OLIVEIRA; SOUZA, 2020).

Na busca por um atravessamento do trauma como confusão de línguas através de um encontro transferencial acolhedor o suficiente para o escoamento do excesso pulsional⁴, o analista, por via da transferência e do testemunho, extrapola a condição de objeto, assumindo a condição que Balint (1968/2014, p. 167-168) denominou “substância”:

Isso quer dizer que o analista deve sustentar o paciente, não ativamente, mas como a água suporta o nadador, ou a terra, o caminhante, isto é, estar presente para que o paciente o utilize sem muita resistência ao ser usado. Na verdade, alguma resistência é tanto permitida quanto essencial. Entretanto, o analista deve ter cuidado para que sua resistência crie apenas o atrito suficiente para o avanço, mas definitivamente não muito mais, senão o progresso pode se tornar muito difícil, devido à resistência do

³ Referência ao ano de publicação do texto citado, 1934, um ano após a morte de Ferenczi.

⁴ Assim como falado na nota de rodapé nº 2, se a resultante do trauma como confusão de línguas é descrita como um “excesso pulsional”, o movimento espontâneo do psiquismo é tentar fazer com que a pulsão se restabeleça de acordo com as capacidades e limites próprios do sujeito em questão. Assim sendo, “escoamento” representa a ideia de “fazer algo” com essa pulsão, o que, segundo as teorias abordadas, toma forma através da relação com o outro, ou seja, a ideia de simbolização através do testemunho.

meio. Além e acima de tudo isso, deve estar presente, deve sempre estar presente e ser indestrutível – como o são a água e a terra.

Como água ou areia, capazes de se moldarem a cada demanda particular, podemos dizer que o analista deixa temporariamente sua condição de sujeito para se tornar todo um lugar de acolhimento, o lugar no qual acontece a neocatarse, possibilitando a confluência de línguas (OLIVEIRA; SOUZA, 2020).

O caminho da técnica através da investigação clínica

Como é sabido, as formulações psicanalíticas, ao contrário de seu estudo epistemológico, se constroem, inicialmente, a partir da investigação para que depois surjam os conceitos provenientes. Assim sendo, antes de *Confusão de língua* (FERENCZI, 1933/2011), temos *A adaptação da família à criança* (FERENCZI, 1928a/2011), *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (FERENCZI, 1929/2011), *Princípio de relaxamento e neocatarse* (FERENCZI, 1930/2011) e *Análises de crianças com adultos* (FERENCZI, 1931/2011), a exemplo do caminho investigativo e interventivo que o autor trilhou para desenvolver sua última obra.

No percurso clínico o autor adota a atitude baseada no acolhimento ao qual a criança, vítima de traumatismo, espera de seus adultos de confiança, o que se torna um bom ponto de partida, porém, ineficaz no caso do trauma já instaurado. Como a crítica freudiana ao trauma do nascimento, (FREUD, 1926/2006), podemos interpretar o impasse cruzando as ideias de que, no evento traumático inicial, o sujeito tem o ímpeto de buscar a simbolização, o movimento espontâneo de escoar o excesso da pulsão da experiência da confusão de línguas no seio de sua transferência eleita⁵, mas a instauração do trauma se dá através da desautorização do testemunho. O analista então não é o primeiro a ser procurado pela criança falante, mas apenas alguém a quem o sujeito recorre após ter desaprendido a falar sobre o trauma – que a essa altura já é de fato seu.

Se o atravessamento do trauma está ligado à legitimação da experiência através do testemunho, como propôs Ferenczi, o desafio da investigação psicanalítica nesse campo se dá então em torno da seguinte questão: como fazer com que o sujeito dê o testemunho que outrora fora desautorizado a dar?

⁵ Por transferência eleita entende-se que o sujeito elege o outro ao qual confiará sua tentativa de testemunho.

A resposta não é encontrada de forma clara em seus escritos, mas podemos seguir uma luz ao observar seu próprio estilo clínico. Ferenczi sempre demonstra através de suas experiências – algumas podem até ser classificadas como excessos – a necessidade de adaptação do analista ao que quer que seja a condição do paciente, conforme a ética da “elasticidade da técnica” (FERENCZI, 1928b/2011), a exemplo de seu interesse à regressão, à doação através de sessões mais longas, dispor de suas férias e à análise mútua (FERENCZI, 1932/2008).

Tudo isso é feito no objetivo de atingir a neocatarse, estado em que seria possível acessar e atravessar o trauma. Se o método catártico foi abandonado por Freud devido a sua ineficácia em fazer com que o paciente tome posse da experiência transferencial, Ferenczi aposta em outro tipo de manejo para possibilitar a neocatarse, um manejo de atuação em vigília através da combinação dos aspectos materno e paterno (FERENCZI, 1912/2011), que dialogam perfeitamente com a ideia de que “As falas apaziguadoras e cheias de tato, eventualmente reforçadas por uma pressão encorajadora da mão e, quando isso se mostra insuficiente, uma carícia amistosa na cabeça, reduzem a reação a um nível em que o paciente volta a ser acessível” (FERENCZI, 1931/2011, p. 91).

A neocatarse

No texto *Adestramento de um cavalo selvagem* (FERENCZI, 1913/2011), o autor demonstra como a combinação da hipnose paterna – de uma atitude impositiva – com a hipnose materna – uma sedução por afeto – é capaz de conter a selvageria instintiva do animal, em analogia com o universo pulsional do sujeito. Isso expõe os fundamentos da ideia ferencziana de que “Cumprir admitir, pois, que a psicanálise trabalha, de fato, com dois meios que se opõem mutuamente: produz um aumento de tensão pela frustração e um relaxamento ao autorizar certas liberdades” (FERENCZI, 1930/2011, p. 68). Embora a menção sobre hipnose seja abandonada ao longo de seus anos por questões de controvérsias teóricas, o uso das ideias de atitudes paternas e maternas é fundamental para que o analista crie a atmosfera substancial necessária à neocatarse.

Se a chave para lidar com o trauma instaurado está na “nova catarse”, um método catártico novo em comparação com a hipnose de Breuer e Charcot, é a inserção dos conceitos hipnóticos de uma forma “nova” que possibilitará essa posição por parte do analista. “Do que esses neuróticos precisam é de ser verdadeiramente adotados e de que se os deixe pela primeira vez saborear as bem-aventuranças de uma infância normal” (FERENCZI, 1930/2011, p. 77), não

mais através do adormecimento, ordens, ou sugestões, mas a presença paterna e materna movendo-se substancialmente na transferência, possibilitando que os vazios do testemunho desautorizado sejam suportados e devolvendo, assim, a capacidade do sujeito de reposicionar-se com protagonismo frente ao trauma instaurado.

Seria um erro, porém que, por assumir a vitalidade da neocatarse como evento e lugar de suporte, apoiar uma convicção de que o método é uma experiência baseada apenas no conforto ou passividade. “Um espelho reflete uma imagem, mas não modifica sua natureza; por isso, as palavras devem ser refletidas por palavras, mas a tradução do material não verbal em palavras iria além da função de espelho do trabalho analítico” (BALINT, 1968/2014, p. 92).

Embora o suporte seja crucial para que o sujeito do trauma se veja em condição de posicionar-se novamente, é indispensável a presença de uma ação de mudança, devendo “(...) o analisando continuar o trabalho por seus próprios meios” (FERENCZI, 1931/2011, p. 86). Quanto a esse aspecto, embora as experiências de Ferenczi sejam uma luz ao ponto de partida, sua vida se finda antes que essa resposta sobre a ação do sujeito possa tomar forma epistemológica. Desse modo prosseguiremos a construção do raciocínio a partir daquele que fora considerado seu herdeiro e guardião de seu diário clínico.

Entre o trauma e a esperança: o *thrill*

Thrill é um termo técnico adotado por Balint (1959) para denominar um evento psíquico no qual tensão e prazer se misturam. Embora sua tradução literal seja “emoção”, o que caracteriza bem o acontecimento psíquico, os diversos psicanalistas que revisitam a obra balintiana comumente optam por manter o termo em sua forma original. Segundo Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012, p. 112):

O prazer é colocado entre o medo e a esperança. Duas paixões tristes (...) ambas o sujeito estaria debilitado por certa falha ontológica: medo e esperança remetem ao futuro incerto, mas é, paradoxalmente, neste “entre duas incertezas” que o prazer, segundo Balint, reside e emerge.

A ideia triangular entre prazer, medo e esperança é vital para a fundamentação do *thrill* e a busca pela confluência de línguas. Seguindo o raciocínio, Balint (1959, p. 23) postula:

Em todos os divertimentos e prazeres desta espécie, três atitudes características são observáveis: (a) algum aumento de medo consciente, ou, ao menos, uma percepção do perigo externo real; (b) uma exposição voluntária e intencional da pessoa a esse perigo e ao medo correspondente; (c) uma confiança maior ou menor de que se pode esperar o fim do perigo, que o medo será tolerado e dominado e que se retornará ileso à segurança. Esta mistura de medo, prazer e esperança confiante é o que constitui os elementos fundamentais dos *thrills*.

De acordo com a ideia balintiana, o *thrill* acontece quando o analista consegue manejar os elementos do medo, derivado do trauma, e a esperança, proveniente do meio criado pela transferência. O medo referido é de suma importância no encontro analítico, mesmo que abafado pela repetição traumática. Já a esperança, proveniente do manejo transferencial, demonstra sua relevância como via para que o paciente faça a opção por se expor voluntariamente e novamente à tensão, possibilitando o atravessamento da experiência traumática na experiência analítica.

Desse modo a geração de prazer através da superação do medo suportado pela esperança possibilita um reposicionamento mnêmico frente ao trauma, promovendo a confluência de línguas entre a confusa língua da ternura – em um sentido de não conseguir lidar com a confusão de línguas, fonte do sofrimento traumático – do paciente e a precisa língua da paixão do analista – em um sentido de operar cirurgicamente – através dos complexos manejos neocatórticos e do *thrill*.

A resposta sobre a confluência de línguas, porém, traz consigo uma nova questão sobre o reposicionamento frente aos restos mnêmicos do trauma. A esse respeito Balint (1959, p. 23-24) revela:

As novas formas de prazer incluem entre outras, novas comidas, novos costumes, novas roupas, até novas formas de atividades sexuais “perversas”. Em todos estes fenômenos encontramos os mesmos três fatores fundamentais acima descritos: o perigo objetivo dando lugar ao mesmo, a exposição intencional ao perigo e a esperança confiante de que tudo acabará bem.

Sugere-se para a continuidade do trabalho a observação psicanalítica das possibilidades sobre as “novas formas de atividades” resultantes da confluência de línguas. Afinal, o que se sucede com o sujeito após o atravessamento da experiência traumática?

Considerações finais

O objetivo proposto neste trabalho foi, a partir do conceito de confluência de línguas proposto por Oliveira e Souza (2020), descrever a construção técnica da ideia epistemológica. Partiu-se do pressuposto de que a confluência é possível através do manejo da tríade exposta no *thrill* de Balint – medo, esperança e prazer – permeado pela neocatarse na transferência através da presença substancial do analista.

Uma vez que o campo da psicanálise é rico em estudos teóricos, mas, uma vez que, conforme exposto, a teoria se constrói cronologicamente após a investigação psicanalítica, ou seja, a construção de conceitos é o produto final enquanto a técnica é o exercício clínico experimental que possibilita a descoberta do novo, o presente trabalho buscou postular a técnica possível para o trabalho clínico da confluência de línguas como produto da esteira de Ferenczi e Balint. Embora a reprodução da técnica esteja sujeita à subjetividade de analista e paciente, é de interesse geral da psicanálise a orientação de suas diversas técnicas, visto que o analista atento e empenhado no exercício pode se tornar altamente capaz (FERENCZI, 1928b/2011).

Sendo a exposição técnica um aspecto fundamental, a exposição clara sobre o estilo clínico usado para a investigação da metapsicologia dos traumas como confusões de língua torna-se um valioso disparador para que possamos pensar sobre a *práxis* realizada nos consultórios. Em outras palavras, embora não se almeje imitar a subjetividade de Ferenczi, Balint, ou quaisquer outros analistas, a reflexão sobre o percurso da neocatarse entre hipnose materna e paterna ao *thrill* manejando medos e prazeres suportados pela esperança possibilita um novo universo no manejo ímpar do analista.

Tramitação

Recebido 29/04/2021

Aprovado 29/10/2021

Referências

BALINT, M. *Thrills and regressions*. London: Maresfield Library, 1959.

_____. (1968). *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2014.

- _____. As experiências técnicas de Sándor Ferenczi: perspectivas para uma evolução futura. In: *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- DUPONT, J. Prólogo. In: FERENCZI, S. *Sin simpatía no hay curación*. El diario clínico de 1932. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.
- FERENCZI, S. (1912). *Sugestão e psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 253-263. (Obras completas Sándor Ferenczi, 1).
- _____. (1913). *Adestramento de um cavalo selvagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 13-18. (Obras completas Sándor Ferenczi, 2).
- _____. (1926). *Contraindicações da técnica ativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 401-412. (Obras completas Sándor Ferenczi, 3).
- _____. (1928a). *A adaptação da família à criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 1-15. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1928b). *Elasticidade da técnica psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 29-41. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1929). *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 55-60. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1930). *Princípio de relaxamento e neocatarse*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 61-78. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1931). *Análise de crianças com adultos*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 79-95. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1932). *Sin simpatía no hay curación*. El diario clínico de 1932. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.
- _____. (1933). *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 111-121. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1934). *Reflexões sobre o trauma*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 125-135. (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 4).
- FIGUEIREDO, L. C.; TAMBURRINO, G.; RIBEIRO, M. *Balint em sete lições*. São Paulo: Escuta, 2012.
- FREUD, S. (1926). *Inibição, sintoma e ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 91-174. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).
- KUPERMANN, D. *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni, 2019.

OLIVEIRA, M. M.; SOUZA, S. Clínica do traumático: o testemunho como uma confluência de línguas. *Cadernos de Psicanálise-CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 43, p. 233-247, jul.-dez. 2020. Disponível em: <http://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/183/183>. Acesso em: 05 dez. 2020.

SABOURIN, P. *Vizir secreto e cabeça de turco*. In:_____. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).